

LUCAS PROCÓPIO: pessoa persona

Maria Consuelo Cunha Campos

UERJ-LETRAS

DOURADO, Autran. Lucas Procópio. Rio de Janeiro, Record, 1985.

Em *Lucas Procópio*, Autran Dourado dá seqüência a seu projeto de, livro após livro, contar uma estória só, através de núcleos de temas, de personagens e de locais repetidos, formando um amplo painel ou saga da cidade mineira imaginária de Duas Pontes.

Ao leitor de uma de suas obras anteriores, sobretudo, *Ópera dos mortos*, o nome de Lucas Procópio (Honório Cota) evoca, de imediato, a personagem, já lenda já história do avô de Rosalina, sombra ser sual e tenebrosa de velho povoador das Gerais, quando, exaustas, as grupiaras emudeceram e, para a decadência geral, o ouro das minas secou.

Traço freqüente da ficção de Autran Dourado é a ausência explícita de datas. Trabalhando, de modo privilegiado, aquele segmento histórico que, na vida brasileira, corresponde ao final da monarquia, espreado-se pelos primeiros anos da República Velha, ele nos apresenta, em *Lucas Procópio*, um texto bipartido, significativamente polarizado entre "Pessoa" e "Persona", numa oscilação de aparentes opostos que, na verdade, se suplementam e completam.

Ao longo da narrativa, Autran Dourado oferece ao leitor novo desdobramento da leitura mítica e ideal que ele veio traçando do "imenso país das Gerais", com a mestria do escritor profundamente seguro e senhor das técnicas de seu ofício.

À construção e desconstrução de um Lucas Procópio mítico (do quixotesco ao homem comum, despojado do sonho de grandeza) corresponde a narrativa da ascensão e declínio sócio-político e econômico de uma região: é o processo de surgimento

das “cidades mortas”, exaustos os ciclos econômicos no bojo dos quais foram criadas, o que interessa nuclearmente à ficção autriana. Nesse sentido, através de personagens continuamente retomadas em sua ficção, o escritor realiza bem o propósito da epígrafe de Mário de Andrade, aposta a *Lucas Procópio*: “Eu queria contar as histórias de Minas/ pros brasileiros do Brasil”.

É essa trajetória dos “retardatários do desastre geral”, “nascidos já na decadência das minas e dos rios” que o livro focaliza.

Para Autran, é possível ler-lhe as obras de mais de uma forma: a par da leitura usual de um leitor interessado no desfecho das estórias, é ainda possível — e desejável — a leitura/releitura prazerosas; aquilo que ele chama de *leitura de viseiras submarinas*. *Lucas Procópio*, assim encarado, oferece ao leitor não conhecedor do conjunto da obra do escritor a possibilidade da leitura autônoma, no sentido de que pode ser lido e fluído independentemente de outras leituras prévias. Todavia, ao leitor viajado de muitas e muitas leituras do grande painel autraniano, as sutilezas e nuances desse escritor habilíssimo oferecem um fundo de descobertas inesgotáveis. É, por exemplo, o desdobramento do veio quixotesco o “quarta-feirismo” ou loucura mansa da figura de Lucas Procópio, esboçado em mais de um momento da ficção do autor (que ora procura a sutileza dos versos) e que aqui nos proporciona um Lucas contraditório a si mesmo. É, não menos, a habilíssima metáfora do poder, desdobrada na tradição do mandonismo local, a refletir as vicissitudes da vida política brasileira, onde o chefe do Partido Conservador passa, facilmente, a ser, com a mudança do regime, o presidente do Partido Republicano.